

SANTA MARIA: *Santa Maria, depois de certo incidente*

*Agora está tudo bem. Outra vez tudo bem:
As casas, as pessoas, as gaivotas.*

*Já Cristóvão Colombo, finalmente submisso,
se desfez em desculposos argumentos.
Ele não é – tão-pouco os que com ele viajam –
desses que andaram pairando nas costas da Guiné,
pirateando as caravelas portuguesas.
Aconteceu, e muito simplesmente,
que o genovês,
depois de haver oferecido, em vão, seus préstimos
ao Rei de Portugal, D. João II,
achou-se (por acaso) navegando
no litoral de um novo continente,
Índias Ocidentais, ao que parece.*

*E então, muito depois, fugindo à tempestade,
(exausta a marinhagem, desesperada),
surgiu no retorno aquela ilha hospitaleira
Santa Maria! E até calhava bem,
porquanto ele e seus homens,
sentindo a morte arrastá-los para os abismos oceânicos,
haviam feito voto de rezar,
e mais ainda: ouvir missa
numa primeira igreja que aparecesse
à Santíssima Virgem consagrada.*

*Patenteou Colombo seus húmidos, salgados documentos,
com o timbre orgulhoso e mui real de Espanha;
exibiu os índios pardacentos que com eles tinham,
por certo nunca vistos em terras de cristãos.*

*Agora está tudo bem. Já podem ir à igreja próxima,
da Senhora dos Anjos.
E entretanto, porque uma coisa não impede a outra,
já lhes é permitido abastecerem-se
de uma fresquíssima água (fácil de encontrar),
também de vinho, carne, queijo e pão,
confortos de viagem no regresso à pátria,
(via Lisboa, infelizmente,
que é sempre Portugal a atravessar-se no caminho).*

*Agora está tudo bem. Outra vez tudo bem:
As casas, – num rosário de brancura,
dispersas entre vinhas e socalcos,
com suas chaminés quase algarvias.
Suas janelas de vidros pequeninos,
barras de almagre, vermelhão, azul cobalto;*

as pessoas, – arando a terra, fiando a lã;

*as gaivotas, – persistentes, sobrevoando os miradouros,
desejosas de ver bem as praias, as baías, as falésias,
na ânsia de poder contemplar
esta beleza
de mais alto.*

SANTA MARIA: Santa Maria, After a Certain Incident

Now all is well. Once again, all well:
The houses, the people, the seagulls.

Already Christopher Columbus, his spirit finally broken,
has come undone in apologetic arguments.
He is not – like those who travel with him –
among those who sailed hovering off the Guinea coast,
pirating Portuguese caravels.
It happened, and very simply,
that the Genoan,
after having, in vain, offered his services
to Portugal's King John II,
found himself (by chance) sailing
along the shore of a new continent,
the West Indies, so it seems.

And then, much later, fleeing the storm,
(the sailing crew exhausted, desperate),
on the return voyage, that hospitable island came into view,
Santa Maria! And it actually turned out well,
because he and his men,
feeling death dragging them down to the ocean's depths,
had taken a vow to pray,
and even more: to hear mass
at the first church they encountered that
was consecrated to the Most Blessed Virgin.

Columbus proffered their dank, salty documents
bearing the proud and *mui* royal heraldic insignia of Spain;
he displayed the brown-skinned Indians they had with them,
surely never before seen in Christian lands.

Now all is well. Now they can go to the next church,
that of Our Lady of Angels.
And yet, because one thing does not preclude the other,
they are now allowed to replenish their supply
of the freshest water (easy to find),
also wine, meat, cheese and bread,
travel comforts for the return trip to their homeland,
(via Lisbon, unfortunately,
because Portugal always must be crossed on the way).

Now all is well. Once again, all well:
The houses – like a string of white rosary beads,
scattered among vineyards and terraces
with almost Algarvean-style chimneys.
Their windows with tiny glass panes,
framed in ocher, rust-red, cobalt blue;

the people – plowing their land, spinning their wool;

the seagulls – persistent, flying above the lookouts,
straining to see clearly the beaches, bays, cliffs,
in their eagerness to be able to contemplate
this beauty
from on high.

SÃO MIGUEL: Sete Cidades

*Acontece que às vezes,
chegados finalmente ao cimo da montanha,
nos surpreende uma cortina subtilíssima
de névoa rarefeita.*

*Dai-nos, Senhor, a paciência de aguardar
um breve instante, talvez mais longo tempo,
só até que a paisagem se desperte e se revele,
mesmo assim impalpável e quase imaterial.*

*Já então as lagoas, geminadas,
pudicamente embora, se desnudam,
porém esplendorosas, num delírio supremo
verde e azul.*

*Repousam lado a lado, num silêncio antigo.
Na luz tranquila respiram
(ousaria dizê-lo)
a inefável serenidade abandonada pelos deuses.*

SÃO MIGUEL: Sete Cidades

It sometimes happens,
after finally reaching the mountain top,
that we are surprised by the subtlest curtain
of scattered fog.

Lord, grant us the patience to wait
a brief moment, maybe longer,
just until the landscape awakens and shows itself
truly impalpable and almost ethereal.

Already the twin lakes
undress, albeit modestly,
although splendidly, in a supreme delirium
of green and blue.

They rest side by side in an ancient silence.
In the tranquil light they inhale
(would one daresay it)
the ineffable serenity abandoned by the gods.

TERCEIRA: *Fernando Pessoa, menino, no seu passeio em Angra*

*Senhora de muitos dons, de muitas prendas,
que sabe tricotar conversações brilhantes
em pontos de Francês, Inglês, Alemão,
D. Maria Madalena, há bem pouco chegada
de Durban e Lisboa,
sai da casa paterna, em passeio matinal,
a recobrar lembranças da infância e juventude.
Não vai porém sozinha: acompanhada, sim,
de Fernando (Pessoa), o seu filho menino.*

*A cidade é pequena, reclinada
à beira-mar, diversamente histórica,
de muitos heroísmos carregada.
E Fernando (treze anos) pergunta mais e mais,
que tudo quer saber. A mãe responde,
evocando figuras, apontando os lugares.*

*João Corte-Real, donatário de Angra
(que alguns afirmam precursor de Colombo nas Américas);
outros do mesmo sangue, também aqui seguiram,
buscando as terras verdes do Norte Ocidental.
Vasco da Gama e quantos, na sequência,
foram à Índia e por aqui voltaram.*

*Nas águas da baía acolhedora
dir-se-ia haver... recados de outras eras:
um rebrilhar de luzes submarinas,
talvez sinais de malogrados capitães
de navios naufragados.
A menos que se trate justamente
dos tesouros de Filipe de Espanha, segundo de seu nome,
– ouro e prata –, no México e no Peru arrebatados,
em galeões altíssimos trazidos,
por corsários famosos cobiçados:
um Francis Drake, ou mesmo o Conde de Essex.*

*Após a resistência a rendição.
Agora um forte, filipino abraço de pedra escura,
fortaleza maior do mar Atlântico,
aperta para sempre aquele monte,
a suave península estrangulada:
Prisão de um fraco rei, Afonso VI,*

e do régulo vátua Gungunhana.

*Nas ruas amplas da cidade
parecem ressoar ainda os passos
decisivos
das tropas liberais de Pedro IV.
Com elas vai Garrett, soldado, militante
da Liberdade,
porque na ilha Terceira, sua pátria adoptiva,
venerada desde a infância,
sentiu a vez primeira a voz da Poesia.*

*Angra do Heroísmo,
com sua arquitectura harmoniosa,
regorgita de festas
consagradas ao Divino Espírito Santo,
com seus “impérios” coloridos
e touradas à corda.
Tudo tão vivo, e afinal tão nosso!
E o menino Fernando parece aborrecer
a vitoriana ambiência de Durban, longínquo desterro.
Recebe então do além-tempo a secreta Mensagem
de cantar Portugal e os seus destinos.*

TERCEIRA: Fernando Pessoa, as a Boy, on his Tour Around Angra

A lady of many talents and many gifts,
who knows how to knit brilliant conversations
in stitches of French, English, German,
Dona Maria Madalena, quite recently arrived
from Durban and Lisbon,
sets out from her ancestral home on a morning walk,
reclaiming memories of her childhood and youth.
She does not go alone, however: she is accompanied, in fact,
by Fernando (Pessoa), her young son.

The city is small, sloping downward
to the waterfront, historically diverse,
filled with great heroism.
And Fernando (thirteen years old) asks more and more questions,
wanting to know everything. His mother replies,
evoking figures, pointing out the sights.

João Corte-Real, Angra’s *donatário*

(who some claim preceded Columbus in the Americas);
others of the same blood, also followed from here,
seeking the verdant lands to the Northwest.
Vasco da Gama and so many others thereafter
went off to India and returned through here.

In the bay's warm waters
there are what one would call remnants from other eras:
a glint of underwater lights,
perhaps signals from doomed captains
of wrecked ships.
At least it corresponds precisely to
the treasures of King Philip of Spain, in his name
– gold and silver – snatched from Mexico and Peru,
brought in the tallest galleons,
coveted by famous corsairs:
Sir Francis Drake, or even the Earl of Essex.

After resistance, surrender.
Now a strong embrace of dark stone from Philip's reign,
the largest fortress in the Atlantic Ocean
squeezes that mountain forever,
the gentle, strangled peninsula:
Prison for a weak king, Afonso VI,
and the Vátua tribal chief from Angola, Ngungunyane.

In the city's wide streets
there still seem to resonate
the decisive steps
of Pedro IV's liberal troops.
With them goes Garrett, soldier, militant
of Freedom,
because on the island of Terceira, his adoptive homeland,
revered since childhood,
he first felt the voice of Poetry.

Angra do Heroísmo,
with its harmonious architecture,
erupts with *festas*
consecrated to the Divine Holy Spirit,
with their colorful fraternal *impérios*
and bullfights by rope.
Everything is so alive, and ultimately so much ours!
And the boy Fernando seems bored

**Norberto Ávila. “Açórico roteiro abreviado.” In *Percurso de poeta*.
Lisbon, 2000, pp. 41-69. Translated by Katharine F. Baker & Emanuel Melo**

p. 8

by the Victorian ambience of Durban, a distant exile.
He then receives from beyond time the secret Message
to sing of Portugal and its destinies.

GRACIOSA: *Furna do Enxofre*

*Cem anos haverá que Alberto
o tão famoso Príncipe de Mônaco,
– inquiridor de oceânicos mistérios –,
bem seguro por cordas,
foi descendo o abismo,
susto a susto,
até ter pé
no solo aspérrimo
da catedral vulcânica,
até soltar a exclamação do assombro.*

*Bem mais feliz fui eu,
homem moderno e tanto mais seguro,
descendo passo a passo
a longa escada
em caracol
(uns duzentos degraus, ou pouco menos).*

*Houve um rio de lava tormentoso.
Há um pequeno lago sossegado.*

*E lá do alto,
por uma clarabóia
de natural, espontânea construção,
desprende-se uma luz inebriante,
para bem descrever:
 indescritível.*

GRACIOSA: *Furna do Enxofre (Sulphur Cavern)*

A hundred years ago Albert,
the world-famous Prince of Monaco
– investigator of oceanic mysteries –
secured tightly by ropes,
went rappeling down into the abyss
jump by jump,
until he set foot
on the rugged terrain
of the volcanic cathedral,
and let out an exclamation of awe.

It went much better for me,

SÃO JORGE: *Setembro de manhã*

*Setembro vai,
desliza devagar
na maciez do Verão que é quase Outono.
Já não me surpreende a madrugada:
janela iluminada e pássaros cantores.*

*Abro tranquilamente o sacrário de pinho
em que se guarda o pão artesanal e denso.
Dele retiro um pouco
e busco acolhimento
sob os ramos da árvore mais frondosa:
a figueira ancestral e fidelíssima,
que parece infinita nos seus frutos.*

*Logo uma pedra bruta em mesa transformada;
logo as folhas de vinha, justapostas,
me servem de toalha.
(Que diriam alguns amigos meus
de Lisboa e Paris
a esta persistência de voltar
sempre e cada vez mais à Natureza?)*

*É saboroso e raro o pão caseiro,
acompanhando os figos.
Refrescou-os a noite sossegada,
e bem dispensam qualquer pequeno estágio frigorífico.*

*Entre esta ilha e a outra
(tão vizinha que bem se vê brilhar o sol
nos vidros das janelas)
lá vai, rompendo o azul do mar, um transatlântico.*

*De subito imagino os passageiros
ainda reclinados,
talvez atordoados
do champanhe inocente e enganador.
Presumo que haverá um viajante ao menos,
mais matinal, preparado
para um pequeno-almoço de abundância.*

*Em pensamento (e é fácil cortesia)
meu coração envia para bordo*

*um simples telegrama.
Mensagem que é bem pouco, sendo muito.
Um voto de prazer equivalente ao meu:
o deste veraneante
recolhido à placidez duma figueira antiga,
saboreando o pão artesanal,
com estes figos doces de Setembro!*

SÃO JORGE: September Morning

September passes,
gliding slowly
into the summer softness that is near-autumn.
No longer do the early morning hours surprise me:
a lighted window and singing birds.

I gently open the pine tabernacle
where dense artisanal bread is stored.
I take a little of it out
and seek shelter
under the branches of the leafiest tree:
the ancestral and faithful fig,
that seems to bear fruit infinitely.

Soon a rough stone is transformed into a table;
soon grape leaves substitute
as my tablecloth.
(What would some of my friends
from Lisbon and Paris say
about this persistence in always returning
every time back to Nature?)

It is tasty and exceptional homemade bread,
to complement the figs.
The still night refreshed them,
yet took away their chill.

Between this island and the next
(so close that sunshine can be seen
glinting off window panes)
a transatlantic liner sails, slicing through the blue of the sea.

Suddenly I imagine its passengers
still lying in bed

perhaps hungover
from innocently deceptive champagne.
I imagine there must be at least one traveler,
more of a morning person, ready
for a hearty breakfast.

Upon reflection (and it is an easy courtesy)
my heart sends aboard
a simple telegram.
A message that is quite short, yet profound.
A wish for pleasure equivalent to mine:
that of this summer vacationer
found under the placidness of an old fig tree,
savoring artisanal bread,
with these sweet September figs!

SÃO JORGE: Sanguinhal

*Adolescente ainda, o meu prazer maior
– aqui desembarcado nesta ilha altaneira de São Jorge –
era trilhar caminhos ignorados
e conhecer recônditos lugares.
Mas nunca aconteceu descer a encosta abrupta
e visitar-te, Sanguinhal,
enquanto a vida serenamente circulava
em teus caminhos remotos, quase bíblicos,
entre vinhas e casas tão dispersas.*

*Agora, que dez anos são passados,
sobre o sismo tremendo, Sanguinhal,
sismo destruidor dos bens e assustador das almas,
já o teu nome, Sanguinhal, se ouviu
como uma voz de sombra
subitamente despertada
num silêncio antigo.*

*Trago comigo o remorso de não ter ido ver-te,
como se fosses um parente velho
cuja visita, por simples negligência,
se foi, ano após ano, retardando
e se deixou morrer.*

*Agora desembarco na deserta praia de calhau redondo
e vejo estas ruínas dolorosas,
estes telhados interminavelmente despejando as telhas,
estas janelas consternadas, desmedidamente abertas
como olhos de espanto.*

*Agora me comovo e quase choro,
eu, um intruso nesta casa anónima,
esta casa pequena de que nada sei
e que tanto me deixa imaginar,
nos percursos que vão do nascimento à morte,
com demoradas passagens pelo amor.
(Rejeito a malquerença. E muito mais o ódio.)*

*Este é o forno, agora escuro e frio,
por certo a contragosto aposentado.
Esta é a mesa de jantar, partida.
Sobre ela, os pratos fundos, de cerâmica,*

*cujo missão na terra terminou.
Esta é a cama, exígua, do amor vigiado
por um anjo-da-guarda entretanto fugido.
Este é o berço pequenino, estreito,
sem menino
para embalar.*

*E ali está na parede musgosa o relógio parado.
Não à hora do sismo. Ainda teve alento
para um pouco mais.
(Com que lágrimas na voz não terá ele
chorado a solidão!)*

*Oh quem pudesse agora, Sanguinhal,
gritar teu nome
e assim ressuscitar-te!*

SÃO JORGE: Sanguinhal

While still in my youth, my greatest pleasure
– disembarked here on this steep island of São Jorge –
was hiking rarely taken trails
and getting to know hidden places.
But I never got around to descending the steep slope
to visit you, Sanguinhal,
while life was meandering about serenely
on your remote paths, almost biblical,
between such sparsely located vineyards and houses.

Now that ten years have passed
since the tremendous earthquake, Sanguinhal –
an earthquake destroying possessions and frightening souls –
again your name, Sanguinhal, is heard
like a shadowy voice
suddenly wakened
in an ancient silence.

I carry with me regret over not having gone to see you,
as if you were some elderly relative
whose visit, simply out of neglect,
was, year after year, postponed
and left to die.

Now I reach the deserted beach of rounded pebbles

and see these sorrowful ruins,
these tiles endlessly falling off roofs,
these distressed windows, gaping immeasurably open
like eyes wide in amazement.

Now I am moved almost to tears,
I, an intruder in this anonymous house,
this tiny house of which I know nothing
and that lets me imagine so much,
along the paths that run from birth to death,
with lingering excursions through love.
(I reject malevolence. And, furthermore, hatred.)

Here is the oven, now dark and cold,
doubtless retired against its will.
Here is the dining table, broken.
On top of it, the deep ceramic bowl
whose mission on earth has ended.
Here is the bed, tiny, watched over with love
by a guardian angel who has fled.
Here is the narrow little cradle,
with no child
to rock.

And there on the mossy wall is the stopped clock.
Not at the hour of the earthquake. It still had strength
to run a bit longer.
(All choked up, it did not
cry out its solitude!)

Oh, who could now, Sanguinhal,
shout your name
and thus resuscitate you!

FAIAL: *Café Sport, café dos navegantes*

*A luz primaveril atreve-se
discreta,
pelas janelas, pela porta franqueada.
Nas paredes, no tecto, em todo a parte,
profusão de bandeiras, auriflamas, galhardetes,
gratas memórias de marítimos visitantes.*

*Rodam os dias
e com eles vão chegando ao porto
mais veleiros, iates de recreio...
E desde há muito este espaço hospitaleiro
é o ponto de encontro,
em terra firme,
dos que procuram um pequeno parêntese de convívio
após a longa solidão nos caminhos do mar.*

*Àquele, com seu cabelo cor de fogo,
(não me seja negada a fantasia!)
hei-de chamar Willem, ou Claus,
holandês de nação.
Ao outro, americano certamente.
Michael. De Nova Iorque.
E diz o holandês (suponho),
pretendendo ascendência e predomínio
no amor deste Arquipélago,
que o pai – isto há-de haver 70 anos –
foi dos que andaram por ali, naquele mesmo porto,
ligando as pontas dos cabos submarinos
que tornaram possível o diálogo
entre os vários países da Europa e América.
E o outro,
agitando levemente o copo de gin tónico,
responde que o avô, hábil piloto da Pan Am,
levava o hidroavião, em 1920,
de Port Washington a Lisboa,
e no percurso inverso,
e a escala era infalível no Faial.*

*Sentado à mesa do café,
engendro estas poéticas mentiras,
até por ser o dia 1 de Abril,
a elas tão propício.*

*Olho através da janela o nosso Fujiama,
quero dizer: o Pico, lá na ilha fronteira,
e ele, superior a tudo isto,
envia-me um sorriso complacente e cúmplice,
e mais:
traça no ar o seu cachecol de nuvens brancas.*

FAIAL: Peter Café Sport, the Sailors’ Café

Spring light ventures
discreetly
through the windows, through the wide-open door.
On the walls, on the ceiling, everywhere,
a profusion of flags, coats-of-arms, pennants,
mementos of gratitude from seafaring visitors.

The days roll by
and with them are arriving in port
more sailboats, pleasure yachts...
And for a very long time this hospitable space
is the meeting point,
on terra firma,
of those looking for a brief interlude of conviviality
after the long solitude of their sea journeys.

One, with his flame-colored hair,
(my fantasy must not be denied!)
I shall call Willem, or Claus,
Dutch by nationality.
Another, surely American,
Michael. From New York.
And the Dutchman says (I imagine),
intending oneupmanship
in his love for this archipelago,
that his father – this must have been seventy years ago –
was one of the men who walked around there in that very same port,
linking the ends of the underwater cables
that made conversation possible
among the various nations of Europe and America.
And the other man,
gently swirling his glass of gin and tonic,
replies that his grandfather, a skilled Pan Am pilot,
flew the seaplane in 1920
from Port Washington to Lisbon,

and back,
and his descent to Faial was flawless.

Sitting at the breakfast table,
I concoct these poetic lies,
fit for April 1st,
so appropriate for them.

I gaze out the window at our Fujiyama,
I want to say: Mount Pico, over there on the neighboring island
and its peak, rising above all this,
sends me a complacent and complicit smile,
and more:
it limns in the air its scarf of white clouds.

PICO: Observação de baleias

*Volumosa, enormíssima,
a cabeça do cetáceo mergulha no azul das águas,
e subito se levanta a cauda enérgica,
formando um T,
T de Telmo,
visível um instante;
e o velho baleeiro reconhece
o veloz, impressivo monograma,
em negro forte,
que sempre julga ser a sua marca,
a sua identidade,
espargindo no ar uma chuva subtil e luminosa.*

*Mil vezes noutros tempos
e noutras circunstâncias,
contemplou com assombro a maravilha.
Remador bem poucos anos,
ainda jovem o fizeram
trancador de arpão certo,
admirado por isso, e festejado,
não só no Pico, mas nas ilhas próximas.*

*Tempos de glória, a que seguiram anos
de tristezas tamanhas!
Já Mestre Telmo lamentava a falta
de firmes vocações apaixonadas
em tão nobre domínio,
depois a morte de um filho muito amado
(herdeiro das funções de risco extremo)
num trágico acidente baleeiro.
Em todo o caso, agora – e não por isso,
naturalmente, mas porque diz quem sabe:
que as baleias escasseiam já um tanto –
foi a caça interdita,
num desespero de salvar-lhe a espécie.*

*De quando em quando,
sempre que o neto o convida
para um passeio no barco que possui
(moderno e muito bem apetrechado),
vai Mestre Telmo,
com seus binóculos de longo alcance,*

*sentado entre turistas políglotas,
multicores.
Vai ver,
acompanhar de longe os belíssimos gigantes,
resfolgando,
felizes porventura,
nas ondas do Atlântico.*

*Chamam a isto, agora,
"observação de baleias",
vulgo Whale watching.*

PICO: Whale Watching

Massive, colossal,
the whale's head dives into the blue waters,
and suddenly its energetic tail rises,
forming a T,
T for Telmo,
visible for an instant;
and the old whaler recognizes
its swift, impressive initial,
in vivid black,
that he always deems to be its trademark,
its identity,
as it blows a subtle and luminous shower into the air.

On a thousand other occasions
and in other circumstances,
he gazed with wonder at the marvel.
A rower for only a few years
when still young, they trained him to be
an unerring harpooner,
thus admired and celebrated
not only on Pico but also the neighboring islands.

Times of glory, followed by years
of immense sorrows!
Now Master Telmo lamented the lack
of firm, passionate careers
in such a noble field,
after the death of a much loved son
(heir to the job of extreme risk)
in a tragic whaling accident.

In any case, now – and not on account of this,
naturally, but because one who knows says it:
since whales were already quite scarce –
hunting them was forbidden,
in a desperate move to save the species.

From time to time,
whenever his grandson invites him
for a ride in his boat
(modern and very well-equipped)
Master Telmo goes,
with his high-powered binoculars,
seated among the polyglot tourists
of many colors.
He goes out to see,
and to be with, although from afar, the most beautiful leviathans,
breathing deeply,
happy perhaps,
in the Atlantic waves.

Now they call this
“Whale observation,”
plain old *Whale watching*.

FLORES: Resumido inventário de belezas naturais

*Em tempos medievos, creio, foi chamada
ilha dos Corvos-Marinhos.
Revelada, porém, a um Diogo de Teive,
outro nome lhe puseram – e mais certo:
ilha das Flores.*

*Acidentado território
circunscrito por ondas rendilhadas,
com seu secreto interior de suaves pastagens
e profundos vales,
de fetos, cedro e musgo revestidos.
Altos rochedos de basálticas estrias verticais,
como se fossem bordões abandonados
de gigantes, ciclópicas figuras;
outros rochedos
com sombrias, misteriosas grutas escavadas.
De falésias abruptas, de uma lava escura,
despenham-se no mar cristalinos fios de água,
ou, em declives bastante mais suaves,
propalam-se, festivas, rumorosas ribeiras,
onde saltam, ressaltam azougadas trutas.
E, para as sete crateras de vulcões extintos
(que optaram pela paz e pelo silêncio,
tornando-se lagoas de safira e esmeralda),
vão infinitamente deslizando
hortênsias,
rios de azul riscando o verde verde.*

*Por tudo isto e muito mais direi
ser esta ilha das Flores,
discreta e manifestamente sedutora,
espontâneo jardim do mar Atlântico,
pequeno paraíso
do mundo ocidental.*

FLORES: Inventory of Natural Beauty

In medieval times, I believe it was called
island of great cormorants, *Corvos-Marinhos*.
However, once discovered by a certain Diogo de Teive,
another and more accurate name was bestowed upon it:
Flores, isle of flowers.

Rugged terrain
circumscribed by lacy waves,
with its secret interior of gentle pastures
and deep valleys,
bedecked with ferns, cedar and moss.
Tall cliffs of vertically grooved basalt,
as if they were the abandoned walking sticks
of giant Cyclopsian figures;
other cliffs
with dark, mysterious hollow caves.
From steep cliffs of dark lava
crystalline ribbons of water crash into the sea,
or, on gentler slopes
babbling brooks flow cheerily,
where quicksilver trout leap and glint.
And, to the seven craters of extinct volcanoes
(that opted for peace and quiet,
becoming lakes of sapphire and emerald),
are infinitely stretching
hydrangeas,
streams of blue streaking the greenest green.

For all this and more I must say
that this island of Flores,
discreetly yet manifestly seductive,
is a spontaneous garden in the Atlantic Ocean,
a little paradise
in the Western world.

CORVO: Ilha do Corvo

*Serenamente declinando, a tarde.
Sentados alguns velhos, lado a lado,
no longo banco de pedra do Largo do Outeiro,
bem junto à Casa do Divino Espírito Santo.
E eu, discreto forasteiro,
começo por saudá-los,
e com eles me decido a conviver um instante,
porque é bom escutar o seu falar antigo.*

*Ilha pequena, por certo, – digo eu – ,
(de quatrocentas almas)
porém não tão pequena
que não pudesse ter um outro povoado
algures, mais ao norte da costa oriental.
E mais ainda, coisa estranha:
Por que foram ali as casas construídas
naquele extremo sul,
todas tão abraçadas,
mutuamente amparadas? –
Pergunto eu depois.*

*Medos de outrora, – me respondem.
Dos piratas de Argel e outros mais,
contra os quais era urgente defender
as pessoas e os bens,
em ligação fraterna e solidária.*

*Mas falamos depois de valentias.
Um corvino, por exemplo,
foi intrépido, brioso marinheiro
do veleiro “Alabama”,
isto nos tempos difíceis de intenção divisória
dessa tal Guerra Civil Americana.*

*E o céu, todo vermelho a ocidente,
demonstra bem a direcção do território imenso,
pátria segunda de muitíssimos ilhéus
e sólido país unificado.*

CORVO: Corvo Island

A serenely fading afternoon.

Some old men seated side by side,
on the long stone bench at Largo do Outeiro plaza,
near the House of the Divine Holy Spirit.
And I, a discreet outsider,
start to greet them,
then decide to join them for a moment,
because it's good to hear their old way of speaking.

Sure is a small island, I say,
(of four hundred souls)
although not so small
that it couldn't have another village
elsewhere, over on the northeast coast.
And furthermore, a strange thing:
Why were the houses built there
on the far south,
all so braced against one another,
mutually supported –
I ask later.

Fears of yore – they answer me.
Of Barbary pirates and others,
against whom it was urgent to defend
their people and possessions,
in a fraternal bond and solidarity.

But then we speak of bravery.
One Corvino, for example,
was an intrepid, daring sailor
on the sloop-of-war *Alabama*
during the difficult secessionist times
of the American Civil War.

And the sky, all red to the west,
clearly shows the direction of the vast territory,
a second homeland to so many islanders
and a solid, unified country.

SÃO JORGE: *União de músicos*

Para o Luís Bettencourt

*Vão entrando na sala
do moderno edifício escolar.
Um após outro,
sem qualquer fardamento especial.
Homens, mulheres,
em plena juventude alguns, outros chegados à matura idade.
Sem pressas, conhecendo cada qual
o seu lugar.
E, com eles entrando, os instrumentos
vários de tamanho e forma e sentimento,
necessários
à suprema arquitectura imaterial dos sons,
trazidos na modéstia de quem traz
apenas uma enxada, uma serra mecânica,
um ferro de passar, uma máquina de escrever.
E se há orgulho em carregar
utensílios tão nobres, que provocam
a unânime harmonia dos que escutam,
esse orgulho é discreto, interior.*

*Fico a saber que provêm estes músicos
das nove ilhas dispersas neste mar
que nos separa e nos une
para sempre.*

*Descanso o meu olhar em cada rosto
e descubro que são de origens bem diferentes:
– louros de Flandres, morenos de Alentejo –
açorianos todos como eu.
(Quantas raças de Europa existem neste povo!)*

*Há três dias apenas se encontraram no seu todo,
pela primeira vez.
Trabalharam em grupo, dirigidos
pela mão industriosa do maestro,
um convidado de mais longe ainda,
que assim os fez improvisada filarmónica.*

*E com que fluidez e alegria
produzem esta música,
que se ergue e ressoa*

*primeiro em cada ouvinte,
digamos que depois em toda a Ilha,
e em todo o Arquipélago!*

*Na verdade,
como é bom poder alguém orgulhar-se
deste povo!*

SÃO JORGE: The Massed Band

For Luís Bettencourt

They are filing into the room
of the modern school building.
One after another,
with no special uniform.
Men, women,
some in the fullness of youth, others having reached maturity.
Unhurried, all of them knowing
their assigned seats.
And they bring in their instruments,
of various sizes, shapes and timbres,
necessary
for supremely intangible sonic architecture,
borne modestly by people who work with
a humble hoe, miter saw,
pressing iron or word processor.
And if there is pride in bearing
instruments so noble that they inspire
the unanimous harmony of those who are listening,
that pride is discreet, internalized.

I am learning that these musicians hail
from the nine islands scattered in this ocean
that divides and unites us
forever.

I rest my gaze on each face
and find that they are of quite different origins:
blonds from Flanders, brunettes from Alentejo –
all Azoreans like me.
(How many European lines exist in our people!)

Only three days ago they all met
for the first time.

Norberto Ávila. "Açórico roteiro abreviado." In *Percurso de poeta*.
Lisbon, 2000, pp. 41-69. Translated by Katharine F. Baker & Emanuel Melo

p. 29

They have worked as a group, conducted
by the industrious hand of the maestro,
a guest from even farther away,
who has fashioned them into a special *filarmónica*.

And with such fluidity and joy
they produce this music
that rises and resonates,
first in each listener,
then, we must declare, throughout the island,
and finally the entire Archipelago!

In truth,
how great it is to be able to take pride
in these people!